

GLOBAL FORUM AMERICA LATINA - Texto de introdução do eixo Educação na sustentabilidade

*Educar na sustentabilidade**

Muitas são as definições que pretendem descrever o que é conhecimento. Algumas com limitações e outras com avanços. Merece destaque o entendimento do biólogo Humberto Maturana e da psicóloga Ximena Dávila¹, que a partir de seus estudos sobre o operar humano colocam o conhecimento como uma construção da linguagem, a partir da percepção particular de cada ser humano. Segundo Maturana e Dávila os humanos são entes dinâmicos autônomos em contínua transformação em coerência com suas circunstâncias de vida e é através da linguagem, influenciada pela emoção, que os seres humanos constroem mundos, ou seja, a linguagem coordena a coordenação de fazeres através do entrelaçamento do conversar. E como surge a educação no contexto do conhecimento?

A educação surge como um fenômeno social, fundamentado nas emoções, pensamentos, conceitos e objetivos de um grupo social, num processo histórico e relacional, criando realidades que, nesta interação constante, recria os sujeitos dela participantes. Ou seja, a educação pode ser descrita como a transformação dos seres humanos através da convivência social. A cada instante vivido nos transformamos em um fluir recursivo do conviver humano. E o que se conserva nessa transformação? Conservamos a nossa cultura e o nosso viver, orientado por valores e crenças que guiam o nosso modo de fazer e agir. A Educação aparece então como um processo de transformação e conservação que acontece em vários âmbitos.

No entanto, no início desse século nós, humanidade, entendemos que o nosso modo de fazer e agir atual não se sustenta. Isso ficou muito evidenciado pela publicação do relatório do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change), documento que pontuou as consequências imprevisíveis e catastróficas das mudanças climáticas, caso não mudemos o rumo de nosso desenvolvimento, ou seja, a forma de percebermos o mundo e agirmos sobre ele.

Outro ponto importante do advento das mudanças climáticas é o fortalecimento do entendimento de que problemas complexos demandam soluções compatíveis com a magnitude dos mesmos. Ou seja, soluções reducionistas, baseadas em uma lógica cartesiana-mecanicista e instrumental não dão conta da complexidade atual, que clama por novas formas de educação.

* Por Cintia Carla Takada e Margarita Bosch.

1. MATURANA, Humberto e DAVILA, Ximena. Formação em Biologia Cultural, Curitiba, 2008. (notas de aula)
2. LIMA, Gustavo da Costa. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. Ambiente & Sociedade – Vol. VI nº 2, jul/dez 2003.

Um exemplo disso é a proposta da educação ambiental, que apesar do mérito de ter inserido na agenda global a importância da relação harmônica dos seres vivos com o meio ambiente e da preservação ambiental, não conseguiu dar conta das mudanças necessárias para superar a complexidade da crise contemporânea. Isso por que, segundo Sterling, Tilbury e Sauv  (apud LIMA, G. 2003, p. 110)² a educa o ambiental assumiu expressões reducionistas como: tratar a crise ambiental como uma crise meramente ecológica; confundir o meio ambiente com a natureza; desprezar as dimensões políticas,  ticas e culturais; apresentar uma abordagem fragmentada e acrítica da questão socioambiental; ao aplicar metodologias disciplinares, não participativas e de baixa criatividade e ao propor respostas comportamentais e tecnológicas para problemas de maior complexidade.

O exemplo da educa o ambiental nos revela um dos atuais desafios da educa o: não reduzir o foco e fragmentar o conhecimento. E por que isso   um desafio?

Um dos entendimentos   que não conseguiremos sair do problema se não mudarmos nosso jeito de ver as coisas. Fomos educados a trabalhar com certezas e verdades, em um ambiente de previsibilidade e estabilidade, e não conseguimos lidar com a complexidade do cenário atual. Nosso conhecimento fragmentado e especializado da realidade não nos permite ver a complexidade das rela es.

Como afirma Maria Cândida Moraes ³, 'fomos educados em uma ciência do passado, que produz uma escola morta, dissociada da realidade, do mundo e da vida. Uma ciência que estimula uma cultura paternalista, hierárquica, autoritária, dogmática e a presença de uma escola que exige memoriza o, repeti o, cópia, que d  ênfase ao conteúdo, ao resultado, ao produto, recompensando o conformismo, a "boa conduta", punindo os "erros" e as tentativas de liberdade e expressão. Uma escola que continua dividindo o conhecimento em assuntos, especialidades, subespecialidades, centrada no professor e na transmissão do conteúdo que, em nome da transmissão do conhecimento, continua vendo o indivíduo como uma tabula rasa, produzindo seres subservientes, obedientes, castrados em sua capacidade criativa, destituídos de outras formas de expressão e solidariedade. E uma educa o "domesticadora", "bancária", segundo Paulo Freire, que "deposita" no aluno informa es, dados e fatos, onde o professor   quem detém o saber, a autoridade, que dirige o processo e um modelo a ser seguido'.

3. MORAES, Maria Cândida. Ecologia dos Saberes: Complexidade, Transdisciplinaridade e Educa o: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

Utilizando o termo ciência do passado descrito por Maria Cândida, percebemos que a mesma influenciou também o nosso modo de administrar as organizações. Isso pode ser evidenciado nas teorias de administração clássica e científica, que preconizavam a eficiência do funcionamento da organização através de uma lógica mecânica: a organização é uma máquina controlada, ordenada, seqüenciada e com pontos de resistência. Assim, tanto as empresas quanto as entidades públicas estavam organizadas em uma série de departamentos distintos, cada um com sua função específica (como marketing, finanças, compras), nos quais cada posição complementa a próxima da maneira mais eficiente possível, e as ligações são efetuadas através de um esquema de controle, no qual o “chefe” representa o ponto de resistência, coordenando as atividades e restringindo as direções que se devem tomar. Nessa opção de administração valoriza-se a unidade de comando, o controle, a previsibilidade, a centralização da autoridade e a divisão do trabalho.

No entanto, mudanças no ambiente social e de negócios geradas a partir do aumento da complexidade dos processos e da gestão da informação forçaram as organizações a se rearranjarem novamente para dar conta de sua própria existência no contexto que se configura, pautado por um novo tipo de paradigma e uma nova ciência.

Uma nova ciência que entende a natureza da construção do conhecimento a partir do operar humano. Uma nova ciência que busca harmonizar a diversidade dos vários conhecimentos. Uma nova ciência que educa os indivíduos para o entendimento de sua natureza humana, amorosa e ética.

Frente a esse contexto da nova ciência fica o desejo de conseguirmos estimular, através das palestras e das experiências dos convidados do eixo de educação na sustentabilidade, entendimentos como:

- A educação ocorre em vários âmbitos através da convivência humana.
- A complexidade e as consequências sistêmicas de nosso operar
- A importância do agir consciente. Somos responsáveis pelo que ocorre.
- O comportamento ético é decorrente do entendimento e não do conhecimento
- As múltiplas realidades

A partir de indagações como:

- Como acolher e harmonizar as diferentes percepções, culturas e desejos?
- É possível educar para a sustentabilidade em um mundo culturalmente competitivo?
- Em que a gestão, o método e o conteúdo da educação – em qualquer âmbito – devem inovar para que surja a cultura de uma sociedade sustentável?

Essas são as desejos e as indagações norteiam a construção deste eixo, o qual se propõe a trazer novos conhecimentos, novas experiências, reflexões, posições e novas metodologias sobre a formação de gestores aptos a conduzir negócios de maneira mais harmônica e sustentável inseridos em uma sociedade sustentável e inovadora. Além disso, deseja-se que as palestras, depoimentos e painéis engatilhem a consciência de que somos todos protagonistas da construção de nosso futuro comum.